

PROCESSOS REFERENCIAIS ANAFÓRICOS NA LIBRAS E TRADUÇÕES: REPRESENTAÇÃO DO OBJETO DE DISCURSO EM SEMIOSES DIVERSAS¹

Anaphoric Reference Processes in Brazilian Sign Language and Translations: Representation of the Object of Discourse in Various Semioses

DOI: 10.14393/LL63-v37n2-2021-06

Lorena Gomes Freitas de Castro *

Geralda de Oliveira Santos Lima **

RESUMO: Neste trabalho, realizamos uma análise referencial de expressões anafóricas em Libras e traduções para português de um vídeo de gênero entrevista (TV INES). Nosso objetivo é mostrar que os objetos de discurso (MONDADA; DUBOIS, 2003) são intrínsecos à produção textual/discursiva, não precisam ser necessariamente expressos por elementos de ordem linguística na modalidade escrita/falada, podendo se manifestar por modalidades diversas. Pautadas em autores como Quadros (2012) e em análises parciais em plataformas de catalogação de trabalhos científicos, identificamos lacunas como a investigação dos processos referenciais anafóricos na Libras e poucas pesquisas na Linguística Textual que se debruçam sobre os processos de referenciação, principalmente, no que diz respeito às retomadas anafóricas na Libras. Valemo-nos da teoria da Linguística Textual e da Linguística de Libras, incluindo, dentre os autores: Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Koch (2003), Quadros (2019), Gesser (2009) e Santana e Bergamo (2005).

PALAVRAS-CHAVE: Referenciação. Libras. Processos referenciais. Anáfora. Objetos de discurso.

ABSTRACT: In this article, we carried out a referential analysis of anaphoric expressions in Brazilian Sign Language and their Brazilian Portuguese translations for a video interview (TV INES). Our goal is to show that as the objects of discourse (MONDADA; DUBOIS, 2003) are intrinsic to text/discourse production, they do not necessarily need to be expressed by linguistic elements or written/spoken modality, i.e., they can manifest themselves in various modalities. Based on authors such as Quadros (2012) and partial analyses on platforms for cataloguing scientific articles, we identified gaps such as the investigation of anaphoric reference processes in Libras and few studies in Textual Linguistics that focus on referencing processes, especially regarding anaphoric resumptions in Libras. We drew on Textual Linguistics and Libras Linguistics, including authors such as: Cavalcante, Custódio Filho and Brito (2014), Quadros (2019), Gesser (2009), and Santana and Bergamo (2005).

KEYWORDS: Referencing. Libras. Reference processes. Anaphora. Objects of discourse.

¹ Este estudo é um recorte de nossa pesquisa de doutorado em andamento.

* Doutoranda, com bolsa CAPES, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). ORCID: 0000-0001-8833-6796. E-mail: lorena.gfc(AT)gmail.com

**Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2008). Professora associada do Departamento de Letras Vernáculas (DLEV) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). ORCID: 0000-0002-5193-7958. E-mail: geraldalima.ufs(AT)gmail.com

1 Considerações Iniciais

Nosso objetivo, neste trabalho, é realizar análises e descrições de processos referenciais anafóricos que ocorrem em textos da Libras – Língua Brasileira de Sinais. Para tanto, levamos em consideração as propostas analítico-descritivas em Linguística Textual (LT) de tendência sociocognitiva interacional. Disciplina esta que se realiza, como todo paradigma científico, evidenciando seu objeto e sua perspectiva de análise. A fim de cumprir o objetivo apresentado, valemo-nos, sobretudo, de estudos pautados na teoria da referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003), visto que os trabalhos analítico-descritivos sobre os processos referenciais têm mostrado que as expressões nominais, que introduzem, categorizam e recategorizam referentes ou *objetos de discurso*, são responsáveis pela construção e reconstrução dos sentidos na progressão textual.

De acordo com essa abordagem, o texto é visto como um evento comunicativo (KOCH, 2009) negociado entre os interlocutores da interação, os quais mobilizam conhecimentos de ordem social, cognitiva, cultural, interacional e histórica. Entendemos que, em função de fatores de compreensão e interpretabilidade, os textos são construtos que veiculam sentidos mediante contextos específicos de comunicação, podendo, assim, se apresentarem via semioses diversas.

Diante de tais possibilidades sociocomunicativas que abarcam ferramentas das mais diversas características, podemos produzir a todo tempo efeitos de sentido, compartilhar informações e perceber, por meio de signos convencionais, sons, gestos, estímulos visuais, dentre outros mecanismos de textualização capazes de veicularem informações e produzirem sentidos interativamente.

Mediante o exposto, tomamos como aporte teórico-descritivo a teoria da referenciação para a análise de textos em Libras, uma vez que, devemos levar em consideração não só a expressão referencial, ou seja, o material linguístico, mas também elementos contextuais que serão acionados, por inferenciação, para a negociação sociocognitivo-discursiva dos *objetos de discurso*. Para isso, recorreremos a estudos de autores como Koch e Elias (2016), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Marcuschi (2012), Cavalcante (2012), Koch (2009), Lima (2008), Hanks (2008), Adam (2012), Blikstein (1985). Como a nossa análise incidirá sobre a construção e reconstrução de *objetos de discurso* em textos da Libras, vemos que é possível estabelecer reflexões interessantes sobre esses fenômenos da linguagem, entre os quais, a introdução

referencial e a recategorização anafórica, recorrendo a mecanismos inferenciais mais complexos, mas sempre são orientados por trilhas textuais.

A partir dessa perspectiva e pautados em autores como Quadros (2012; 2019), Gesser (2009), Quadros e Karnopp (2004), Duarte (2013), Pizzuto *et al.* (2006), entre outros e algumas análises parciais de pesquisa em plataformas de catalogação de trabalhos científicos, selecionamos um vídeo² de gênero entrevista encontrado no portal da TV INES³ (também disponível no YouTube), cuja função é compartilhar e divulgar informações não só para a comunidade surda, mas também para ouvintes, pois conta com programação bilíngue. Escolhemos esse material por representar o texto em uma situação real de interação no contexto entrevista. Nossas análises estão organizadas, considerando dois momentos respectivos: (a) a construção de referentes na Libras e (b) os efeitos de sentido correspondentes aos textos traduzidos onde aparecem as ferramentas de legenda e de locução.

Nas seções próximas traremos, respectivamente, a segunda seção que versa sobre o *objeto de discurso: entidade multifacetada*; a terceira sobre a *Libras sob o olhar da Linguística Textual contemporânea*; a quarta que explana os *aspectos metodológicos e a fundamentação teórica* adotada; na quinta, apresentamos as discussões, descrições linguísticas e análises, e, por fim, os efeitos conclusivos.

2 Objeto de discurso: entidade multifacetada

Na década de 1990, as especulações a respeito da separação entre fenômenos mentais e sociais motivaram a *virada discursiva*. Numa perspectiva bakhtiniana, a Linguística de Texto adotou uma concepção sociocognitivo e interacional ou dialógica da língua, na qual os sujeitos são vistos como “atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos” (KOCH, 2008, p. 19).

No interior dessa visão, a noção de texto é vista, aqui, como uma atividade interativo-discursiva complexa de produção de sentidos a qual se realiza com base em categorias

² Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=Z8r_1Om46lg.

³ A TV INES é a primeira webTV em Libras com recursos de legenda e áudio. É produto da parceria entre o INES (Instituto Nacional de educação de Surdos) e a ACERP (Associação de Comunicação educativa Roquette Pinto).

linguísticas presentes no cotexto (na superfície textual) e na sua forma de organização e funcionamento. No entanto, é preciso não só a mobilização de um conjunto de saberes, mas também o uso de estratégias de textualização, as quais se estabelecem a partir de elementos de ordem social, cognitiva, cultural, histórica, interacional, levando em consideração crenças, valores, posições e desejos de seus interlocutores (VAN DIJK, 2012). É nesse cenário, em que têm surgido muitas questões relevantes para a compreensão, a análise, a produção e a realização dos textos, entre as quais, as estratégias da referenciação que passam a ocupar o centro de novas investigações.

A referenciação tem sido entendida, no campo da Linguística Textual, na atualidade, como uma atividade discursiva. Koch (2009) a considera como um processo realizado negociadamente no discurso por meio do qual são construídos e reconstruídos os *objetos de discurso*. Em consonância com a linguista, o sentido de referência, nessa perspectiva, não é o tradicionalmente conhecido, visto que, segundo ela, essa noção de referenciação está ligada ao fato de a linguagem referir relações intersubjetiva e social, no seio das quais, as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos anunciadores.

Há duas décadas, mais ou menos, os processos da referenciação, sob uma abordagem sociocognitivo-interacional, tem gerado muitos trabalhos científicos a partir de discussões e reflexões sobre o processamento textual e sobre a construção textual dos sentidos. A referenciação é uma das teorias que mais vem ganhando destaque nos estudos desenvolvidos no interior da LT brasileira. Fenômeno este, extremamente, relevante para a tessitura textual, uma vez que, na produção de um texto, o processo que diz respeito às diversas formas de introdução de *objetos de discurso*, isto é, de novas entidades ou referentes é chamado de referenciação. Portanto, as formas de referenciação são escolhas feitas pelo produtor do texto orientadas pelo princípio da intersubjetividade, razão pela qual os *objetos de discurso* construídos e reconstruídos ao longo da progressão textual.

No interior dessa perspectiva, concebe-se que a questão não é apenas a de se perguntar como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados de maneira adequada, mas também de se buscar como as atividades humanas, sociais, cognitivas e linguísticas estruturam e dão sentido as coisas mundo. Como apontam Mondada e Dubois (2003),

os *objetos-de-discurso*, por meio dos quais os sujeitos procuram compreender o mundo, não são preexistentes, nem dados, mas construídos e reconstruídos no interior do próprio texto, ou da própria atividade discursiva, de acordo com nossa percepção do mundo, nossos “óculos sociais”, como argumenta Blikstein (1985), nossas crenças e propósitos sociocomunicativos (KOCH; ELIAS, 2009).

Partindo desse enfoque, os *objetos de discurso*, em consonância com Mondada e Dubois (2003), são entidades instáveis construídas na interação e constantemente reformuláveis. Cavalcante Pinheiro, Lins e Lima (2010) postulam que eles são contextuais, advêm do efeito da interação entre sujeitos em práticas sociodiscursivas e podem ser representados por diferentes semioses. Discutindo sobre os processos contextuais de construção de categorias, Mondada e Dubois (2003) reafirmam que as categorias linguísticas devem ser entendidas como fenômenos discursivos numa dimensão interacional. Sendo assim compreendidas, os itens lexicais não podem ser vistos como um conjunto de etiquetas disponíveis, mas como um material constantemente elaborado e reelaborado no discurso.

Isso quer dizer que o *objeto de discurso* constitui uma entidade linguística, uma categoria de análise e de estudo da língua conforme os pressupostos da Linguística Textual, na atualidade. Essas autoras postulam que os *objetos de discurso* não constituem elementos já postos social ou interacionalmente falando, ao contrário, são construídos no curso das atividades comunicativas; estabelecidos durante a comunicação e transformados, ou recategorizados, no e pelo contexto.

Além disso, ainda, segundo elas, os *objetos de discurso* são marcados por uma instabilidade constitutiva. Fenômeno este que decorre de operações cognitivas ancoradas em práticas sociais, consideradas atividades verbais ou não-verbais e compreendidas como negociações de interação entre sujeitos. Logo, podemos afirmar que a referenciação resulta dessa negociação entre interlocutores. Dessa maneira, o *objeto de discurso* é identificado, reconhecido e definido como tal pelos próprios participantes de uma interação verbal e/ou não verbal.

3 Libras sob o olhar da Linguística Textual contemporânea

Nosso trabalho se propõe a ampliar o rol de investigações sobre a teoria da referenciação no que tange à Libras. Além disso, reconhecemos que, em relação às línguas orais-auditivas, a

linguística da Libras ainda pode ser bastante explorada tanto no que diz respeito a questões da referenciação, quanto ao estudo analítico-descritivo de fenômenos indispensáveis em momentos da interação e contextos inerentes.

Segundo Quadros (2012), as pesquisas nos campos da aquisição da linguagem e da psicolinguística da Libras mostram uma produção intensa, assim como os que consideram os níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. No entanto, durante a entrevista, a autora aponta algumas áreas da linguística que carecem de uma investigação maior sobre a Libras e cita a Sociolinguística, a Linguística de Texto (LT) e a Análise do Discurso.

Dentro do nosso rol de observações, poucas são as pesquisas em LT que tomam como objeto de estudo os mecanismos de referenciação na Libras. Para Quadros (2012), uma das principais dificuldades a ser superada no que concerne ao estudo e à pesquisa relacionados a Libras é o próprio aprendizado da língua, porque além de constituir uma segunda língua, exige do pesquisador competências e habilidades direcionadas aos fenômenos linguísticos da Libras em si, e não do português, língua oral-auditiva.

A Libras vem ganhando notoriedade devido à implantação da Lei nº 10.436/2002 e sua regulamentação através do Decreto nº 5.626/2005, o que influenciou positivamente no surgimento de muitas pesquisas brasileiras, envolvendo línguas de sinais brasileiras. Com isso, levamos em consideração também a profusão contemporânea que tem atingido as pesquisas em LT, primeiramente por reconhecer como texto outras configurações semióticas e não somente aquelas mediadas por elementos linguísticos, ou seja, não limitados apenas à utilização da palavra (textos multimodais). Os processos da referenciação, via o uso de expressões referenciais, podem e devem ser observados nas línguas de sinais com igual importância a que é dada nas línguas orais.

Os diálogos interdisciplinares da LT nos levam a pensar também na repercussão social dos posicionamentos teórico-metodológicos dos quais nos apropriamos nesta pesquisa. Este trabalho procura elevar a Libras ao estatuto de língua que lhe é devido; contribuir para com sua documentação; compreender os sentidos do texto por ela veiculados e ratificar nela a importância do estudo dos mecanismos de referenciação na construção e reconstrução de sentidos como um todo, porque “conhecer uma língua implica conhecer também o conjunto de procedimentos que envolvem seu uso social” (ANTUNES, 2009, p. 37).

Defendemos a hipótese de que os processos referenciais anafóricos operam de forma semelhante tanto nas línguas orais, quanto nas línguas sinalizadas. A distinção básica desses fatores de referenciação implica características intrínsecas à modalidade de compreensão e produção de textos. Quanto à construção da referência na Libras, constatamos, até então, que a diferença fundamental se pauta no fato de que a sintaxe das línguas de sinais é espacial, além de que a ela se integram as expressões corporais e faciais que são determinantes para a compreensão dos sentidos em contextos interacionais.

4 Aspectos metodológicos e fundamentação teórica

Este artigo é um recorte de nossa pesquisa de doutorado em andamento e tem caráter exploratório e descritivo, uma vez que não só proporciona uma maior estreiteza a respeito de como operam os processos referenciais anafóricos na Libras, mas também descreve a forma como *os objetos de discurso* são recuperados, retomados, recategorizados, renomeados nos textos traduzidos. A fim de esclarecer as questões que norteiam a compreensão das formas nominais anafóricas, apresentamos, inicialmente, a tradução para língua portuguesa, em seguida, apresentamos a introdução de *objetos de discurso* para outra modalidade linguística, a partir dos pressupostos da LT, considerando o processo de referenciação e a mobilização dos objetos de discurso.

A abordagem adotada na realização da pesquisa é de cunho interpretativista e de perspectiva qualitativa, porque nos detemos à observação dos fenômenos linguísticos e por meio das análises realizadas, atribuímos significados necessários para o estabelecimento das descrições e consequente documentação. Selecionamos, inicialmente, um vídeo do gênero entrevista no canal da TV INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) que contempla temáticas variadas; em seguida, fizemos algumas análises de textos na modalidade visual-espacial, mostrando como opera a anáfora juntamente com outras categorias possíveis de determinar a sua função discursiva na progressão referencial do texto em análise; em terceiro lugar, ilustramos numa análise descritivo-comparativa como esses referentes são recuperados na tradução para a língua portuguesa, justamente pela complexidade dos contextos situados que emergem das situações de interação (HANKS, 2008). Em síntese, o quadro, a seguir, serve para elencar as etapas cumpridas com o propósito de atingir nosso objetivo.

Quadro 1 – Etapas para consecução dos objetivos

1. Seleção de vídeo de gênero entrevista para análise linguística
2. Descrição de expressões referenciais que funcionam como anáforas em Libras
3. Análise de representação de <i>objetos de discurso</i> no texto traduzido em língua portuguesa
4. Discussão sobre possibilidades de fenômenos linguísticos se manifestarem sob perspectivas distintas em detrimento das modalidades linguísticas

Fonte: elaborado pelas autoras.

Podemos observar, por meio desse quadro dado, que as formas nominais anafóricas operam uma seleção entre as diversas propriedades do *objeto do discurso* (ou referente), na medida em que a ação de retomada, ou referir, se caracteriza pela criação de realidades distintas, pois, ainda que haja o mesmo *objeto de discurso*, os textos são construídos e reconstruídos para fins interacionais vários, isso é determinado pelas expressões referenciais e como são utilizadas.

Para Adam (2008), dependendo de como cada um compreenda as ações textuais e como as assimila em relação a seu conhecimento de mundo, é preciso que haja dentro da criação de uma realidade textual a interação. Para o processamento do texto, é necessário que o produtor recorra ao conhecimento prévio, à memória, a fim de estabelecer conexões compatíveis com o que se quer dizer ou ainda com o que se busca compreender. O processo de construção dos *objetos de discurso* é, portanto, uma atividade de referenciação.

Justificamos a escolha do material de análise de um dos programas veiculado pela TV INES, visto que esta é a primeira web TV em Libras e com recursos adicionais: legendas e locução. Isso significa que a principal função dessa grande ferramenta é não só difundir o uso da Libras, mas também dela compartilhar questões alusivas à comunidade surda, como textos e materiais de diversos gêneros e temáticas. A proposta desse ambiente interativo bilíngue consiste em aproximar a cultura surda à cultura ouvinte, uma vez que as línguas são diferentes, ou seja, a Libras não é uma versão sinalizada da língua portuguesa brasileira.

O canal é abastecido com materiais periodicamente, e é possível acessá-lo a partir de qualquer aparelho com acesso à internet o que ratifica a proposta de acessibilidade a esse canal. Corroboramos a importância deste trabalho não só pela análise e descrição de fenômenos referenciais na Libras em texto (vídeo) veiculado pela TV INES, mas também pelo exame de suas ocorrências nas respectivas traduções para língua portuguesa, porque apesar de a linguística da Libras ter avançado muito nos últimos anos, poucos são os materiais encontrados que se

propõem a investigar os fenômenos da referenciação na Libras na perspectiva da LT contemporânea.

Como mencionado anteriormente, Quadros (2012) chama a atenção para o fato de que algumas áreas de estudos da linguística da Libras avançaram bastante, em contrapartida há ainda campos muito pouco explorados no que se refere à linguística da língua brasileira de sinais, como assinalado pela autora. Reconhecemos, diante do que foi pesquisado até agora, essa lacuna tanto no que alude aos estudos linguísticos da Libras em direção aos processos da referenciação e seus efeitos de sentido, quanto às pesquisas em LT que abordem a construção da referência na Libras, como o uso das expressões referenciais, a construção de *objetos de discurso* e outros fatores correspondentes. No intuito de contribuir para o preenchimento desse espaço, contemplamos o diálogo transdisciplinar, multifacetado, dos estudos em LT ao da linguística da Libras e, também, aos da tradução com fins de responder como se realizam esses mecanismos de textualização, e quais estratégias são utilizadas.

5 Análises, descrições e usos linguísticos

Como já citado, os textos⁴ escolhidos para esta análise estão em um vídeo do gênero entrevista publicado na TV INES em 17 de outubro de 2017. Entrevista essa que compõe uma das várias programações do canal, contemplando a parte de jornalismo junto a alternativas acessíveis ao público. O programa de que o vídeo escolhido faz parte se chama Panorama Visual e aborda a trajetória profissional de duas mulheres: Camila Lopes, professora, e Vera Maria Rodrigues, pintora, escultora e ilustradora de livros infantis. Para fins de análise, optamos por priorizar os primeiros oito minutos de vídeo, uma vez que a entrevistada é a professora Camila, visto que o programa apresenta alguns de seus alunos e comenta questões pedagógicas.

Quando falamos em processos referenciais, precisamos ter em mente que tais processos podem apresentar funções diversas no co(n)texto durante a interação em que operam para uma construção textual/discursiva. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) apresentam três grandes processos da referenciação: introdução referencial (apresentação de objetos de discurso

⁴ Na perspectiva da LT atual, consideramos como texto/discurso todo e qualquer material linguístico ou não, produzido interativamente, sob uma visão social e cognitivamente motivada, no caso de nosso trabalho o linguístico não se restringe à modalidade escrita/falada da língua, mas se estende à modalidade visual-espacial da Libras.

(referentes) no texto), anáfora (diz respeito à continuidade referencial do texto) e dêixis (responsável por demarcar as coordenadas de pessoa, de lugar, de espaço, de tempo, etc.). Para facilitar o acompanhamento das análises, a seguir, faremos uma breve explanação sobre os processos supracitados.

- (1) A introdução referencial corresponde ao momento em que o *objeto de discurso* ou referente é introduzido pela primeira vez no texto, conseqüentemente, assumindo uma posição de evidência. Esse *objeto de discurso* pode ser retomado para garantir a continuidade textual;
- (2) As anáforas dizem respeito às retomadas *do objeto de discurso* introduzido anteriormente no texto. Elas são expressões referenciais realizadas por meio de formas linguísticas diversas, tais como: sintagmas nominais diferentes; sintagmas nominais repetidos; pronome substantivo; pronomes substantivos elípticos. Subdividem-se em três: as diretas ou correferenciais, as indiretas ou não correferenciais e as encapsuladoras.
- (3) A dêixis que pode se sobrepor ao mecanismo anafórico, no entanto se diferencia desse processo à medida que se consolida operacional e linguisticamente como ferramenta que vincula o contexto à interação e, intrinsecamente, aos participantes, isto é, *quem* interage, *onde* e *quando*. Segundo estudos desses autores, a dêixis pode se classificar em dêixis pessoal, social, espacial, temporal, textual e de memória. O Quadro 2 evidencia a explanação anterior.

Quadro 2 – Processos referenciais

PROCESSO REFERENCIAL	COMO/ PORQUE QUANDO/ONDE OCORRE?	EXEMPLIFICAÇÃO
Introdução referencial	Quando o objeto de discurso surge pela primeira vez no texto	<i>Márcio está aprendendo Libras. Márcio</i> = introdução referencial (objeto de discurso estreia no texto)
Anáfora direta (ou correferencial)	Recategoriza (retoma) o mesmo <i>objeto de discurso</i> introduzido anteriormente – Márcio . Por isso se tratar de correferenciais	<i>Ele gostaria de ser professor</i> Ele = retoma o objeto de discurso Márcio
Anáfora Indireta (não correferencial)	Está associada a um termo mencionado anteriormente, ocorrendo, dessa forma, uma ancoragem no interior do processo da referenciação	<i>Nesta pandemia a população tem sofrido... Esperamos que a vacina chegue a todos o mais rápido possível.</i> A expressão referencial a vacina , apesar de ser um novo referente, ancora em nesta pandemia constituindo, assim, uma anáfora indireta.
Anáfora encapsuladora	Esses processos retomam toda porção textual anteriormente mencionada.	A introdução referencial, anáfora e dêixis ocorrem nos textos a todo tempo em função de uma interação discursiva. Esses processos podem se manifestar por expressões referenciais e podem sinalizar e/ou mobilizar o mesmo objeto de discurso.
Dêixis	É um processo responsável pela demarcação das coordenadas de pessoa, de espaço, de tempo, memória [...].	<i>Como estamos em tempos de pandemia, eu disse a você que fosse a padaria mais cedo...</i>

Fonte: elaborado pelas autoras levando em consideração a orientação teórica mencionada anteriormente de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). Para mais exemplo, conferir material.

5.1 Expressões anafóricas diretas ou correferenciais

Figura A



Figura B



Figura C



Nas figuras A e B, o *objeto de discurso* analisado é “adultos ouvintes” (sinais: adulto + ouvinte), como podemos verificar nas imagens acima. Esse objeto é recategorizado logo em seguida por um sinal que é equivalente ao pronome anafórico “eles” (observar mão direita da professora), Figura E. Em português, a entidade “adultos ouvintes” (figuras A e B) é retomada pelo pronome substantivo referencial “eles”, tanto no recurso da legenda, quanto no da locução. Nesse caso, por conta da sintaxe da Libras que é espacial, a anáfora direta ou correferencial, alusiva ao mesmo referente, consolida-se num local específico de produção, pois houve uma marcação anterior no espaço para poder utilizar a expressão anafórica correferencial “eles” que é um sinal com característica direcional e como também é perceptível pelo uso do olhar na mesma direção (QUADROS, 2019).

Os objetos de discurso sob uma abordagem sociodiscursiva de base interacional são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com nossos “óculos sociais” (BLIKSTEIN, 1985), a partir de representações semióticas instáveis. É por isso que a referenciação é um processo em permanente reelaboração e se faz presente em todas as línguas

que são sígnicas. Isso se dá na medida em que os *objetos de discursos* categorizam e recategorizam realidades distintas que surgem interativamente e são transformadas, (re)significadas na linguagem através de ferramentas disponíveis aos indivíduos que fazem uso desse fenômeno, seja por meio de recursos multimodais e/ou através de línguas orais-auditivas ou visual-espacial.

De acordo com os postulados teórico-analíticos da referenciação no campo dos estudos da linguística textual, reiteramos algumas características fundamentais que dizem respeito a esse processo textual-discursivo. Logo, a referenciação (a) é uma (re)elaboração da realidade, (b) resulta de uma negociação e (c) é um processo sociocognitivo (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Partindo desses desdobramentos atuais dos estudos em referenciação e analisando a língua em uso, na interação real propriamente dita, levamos em consideração aspectos multimodais envolvidos na construção da referência, uma vez que estamos lidando com a recuperação de referentes de textos traduzidos da língua sinalizada para a língua oral-auditiva, a partir de uma análise descritiva desses objetos de discurso em modalidades distintas.

Precisamos chamar a atenção para a compreensão desses processos de referenciação muito particulares na Libras, pensar inclusive nos efeitos de mobilização desses referentes na tradução e na sua retomada para recursos como legendas e locução. Ao observarmos, na direção da língua sinalizada para a língua oral-auditiva, devemos pensar também na passagem desses processos referenciais, no que tange a essa adaptação intermodal. Os objetos que na Libras significam uma expressão referencial, no texto traduzido, poderá corresponder ao mesmo fenômeno linguístico, porém sob uma roupagem diferente, ou não. Observemos a contextualização e a construção referencial:

Figura D



Figura E



Figura F1



Figura F2



Figura F3



Figura F4



Figura F5



Figura F6



Nas Figuras F1, 2, 3, 4, 5 e 6, observamos um processo de construção referencial na língua sinalizada e na sua tradução para a língua portuguesa. As formas linguísticas “ser mulher”, “ser negra” e “ser surda” recategorizam por apontação manual a entrevistada (à direita em Figura D e Figura E) para responder à pergunta da repórter Clarissa (à esquerda em Figura D e Figura E). Nas figuras F1 e F2, a professora retoma “ser negra” (sinais: primeiro + negro) e, diante de sua trajetória pessoal, traz informações complementares.

Em G3 e G4, a segunda expressão “ser mulher” (sinais: segundo + mulher) é explanado em decorrência também de sua experiência pessoal e por ser uma característica visível, segundo ela. A terceira recategorização “ser surda” (sinais: terceiro + surdo) é colocada por ela, contextualmente, como uma dificuldade relativa, uma vez que as pessoas só percebem que ela é surda quando ela precisa se comunicar e, conseqüentemente, utilizar a Libras. Vejamos que no uso, ou escolha, de cada estrutura linguística, a professora estabelece recategorizações, ou retomadas, utilizando os sinais que servem para elencar cada situação em ordem de importância para ela: 1) ser negra, 2) ser mulher e 3) ser surda. Essas retomadas ocorrem pelo uso da marcação no espaço, apontação e direcionamento do olhar (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Desse modo, para realizar a manutenção dos temas que discute, ela recorre ao uso de anáforas diretas, visto que os itens lexicais sinalizados são recategorizados de forma dinâmica para a reelaboração e realização desse *objeto de discurso*. Esse processo é muito importante, pois apresenta o ponto de vista da pessoa que está construindo os sentidos, ou a coerência, do texto (ver figuras). No texto traduzido (legenda em cada imagem), percebemos que é preciso ter conhecimento não só na identificação dessas estruturas linguísticas mencionadas, mas também de sua alocação na modalidade escrita da língua portuguesa e isso se deve ao fato de a Libras, em relação ao português, ser uma língua consideravelmente econômica.

Para tanto, basta comparar os elementos linguísticos que foram utilizados na prática discursiva acima e os que foram necessários, no momento da tradução, o que não alterou de forma significativa a classificação do processo referencial em si, já que o *objeto de discurso* na dinamicidade textual/discursiva se manteve o mesmo. Além do que, houve a recorrência a outros fatores de textualidade para manter os sentidos do texto de forma aceitável e pertinente como, por exemplo, a coesão, a coerência e a informatividade.

5.2 Expressões anafóricas encapsuladoras

Lembremos que todas as figuras analisadas são capturas de tela, ou seja, imagens extraídas do vídeo cujo *link* está disponível em nota de rodapé. Note-se que na figura G, o sinal (apontar) utilizado pela entrevistada, à direita, funciona para retomar uma porção textual anteriormente mencionada. O contexto, nessa prática textual/discursiva, mostra que ela fala sobre dificuldades de quando era criança, de entender as coisas, de como o processo de

aquisição de língua foi para ela. Nas imagens a seguir, podemos perceber que Camila ao usar o sinal “esforço”, como se pode ver, retoma toda uma porção previamente mencionada, ou seja, o contexto situacional específico de como foi seu desenvolvimento enquanto criança.

Figura G



O objeto de discurso pode se manifestar por meio do uso de uma expressão referencial anafórica (ou não), na medida em que esta expressão retoma, ou recategoriza, aquilo que foi enunciado pouco tempo antes. Na figura H, a seguir, identificamos na forma sinalizada uma anáfora encapsuladora que recategoriza uma porção textual anteriormente mencionada. O que era “estressante” (sinal) era o contexto situacional mencionado anteriormente, este sinal encapsula as informações anteriores junto com o sinal “esforço”.

Figura H



Dessa forma, na construção do processo da referenciação no sentido Libras-Português, após o processo de tradução acima, verificamos que o *objeto de discurso* não é mencionado explicitamente. Esse procedimento gera o que podemos chamar de recategorização referencial

sem menção referencial (CUSTÓDIO FILHO, 2012). É interessante pensar sobre as possibilidades da produção de efeitos de sentido e do funcionamento dos processos da referenciação, nesse recorte específico, posto que não pretendemos nos restringir a Libras e nem ao português, no entanto compreender a mobilidade desse referente na operação da tradução entre as línguas. A modalidade da Libras propicia a ocorrência dos fenômenos da referenciação a partir do uso do espaço, ação de apontar para marcar o objeto de discurso e direcionamento de olhares.

6 Efeitos conclusivos

Diante das considerações iniciais e as seções seguintes, principalmente discussões, descrições linguísticas e análises, ratificamos a pouca existência de trabalhos que envolvam os processos referenciais na Libras numa perspectiva da Linguística Textual contemporânea, principalmente, levando em consideração o *objeto de discurso*. Essa lacuna que também ocorre em outras áreas da linguística acontece, possivelmente, tanto pelo fato de que algumas áreas se anteciparam, quanto pela dificuldade ou falta de interesse, de fato, dos pesquisadores em desbravarem outros campos de pesquisa, uma vez que, muitas vezes, não há contato suficiente com a comunidade surda, domínio ou desenvolvimento linguístico e experiência visual compatível. Essas análises, ainda que incipientes, mostram que não só é possível desenvolver e nos aprofundar no estudo dos processos referenciais na Libras à luz de uma abordagem discursiva na perspectiva da LT contemporânea, como também incentiva e propõe outras ideias, comprovando outros estudos específicos que são necessários, tais quais: anáforas encapsuladoras, anáforas indiretas, processos anafóricos sem menção referencial, dêiticos e suas variações – em que não nos aprofundamos neste trabalho –, além de outras abordagens complementares como o estudo textual/discursivo em práticas interacionais dos surdos e os fatores de textualidade, funções argumentativas na Libras, dentre outros de igual importância.

Reiteramos que os processos de referenciação, as expressões referenciais e os objetos de discurso não aludem à língua apenas, enquanto código linguístico, mas têm a ver com a habilidade de se comunicar, de ser e de interagir no mundo. Eles não são próprios da língua portuguesa ou de qualquer outra língua oral-auditiva, porém são entidades, objetos de discurso (re)elaborados nas realidades contextualizadas, são negociados na/pela interação e constituem um processo sociocognitivo-interacional.

Essa lacuna que também ocorre em outras áreas da linguística acontece, possivelmente, tanto pelo fato de que algumas áreas se anteciparam, quanto pela dificuldade ou falta de interesse, de fato, dos pesquisadores em desbravarem outros campos de pesquisa, uma vez que, muitas vezes, não há contato suficiente com a comunidade surda, domínio ou desenvolvimento linguístico e experiência visual compatível. Essas análises, ainda que incipientes, mostram que não só é possível desenvolver e nos aprofundar no estudo dos processos referenciais na Libras à luz de uma abordagem discursiva na perspectiva da LT contemporânea, como também incentiva e propõe outras ideias, comprovando outros estudos específicos que são necessários, tais quais: anáforas encapsuladoras, anáforas indiretas, processos anafóricos sem menção referencial, dêiticos e suas variações – em que não nos aprofundamos neste trabalho –, além de outras abordagens complementares como o estudo textual/discursivo em práticas interacionais dos surdos e os fatores de textualidade, funções argumentativas na Libras, dentre outros de igual importância.

Reiteramos que os processos de referência, as expressões referenciais e os objetos de discurso não aludem à língua apenas, enquanto código linguístico, mas têm a ver com a habilidade de se comunicar, de ser e de interagir no mundo. Eles não são próprios da língua portuguesa ou de qualquer outra língua oral-auditiva, porém são entidades, objetos de discurso (re)elaborados nas realidades contextualizadas, são negociados na/pela interação e constituem um processo sociocognitivo-interacional.

Atendendo a esses requisitos, as expressões referenciais com função de anáforas recategorizadoras identificadas foram: diretas ou correferenciais, encapsuladoras ou sem menção referencial manifestam-se na produção discursiva na Libras e são recuperadas no português, ainda que haja, em decorrência dos mecanismos de tradução, alguma modificação na sua classificação. Essas mudanças podem ocorrer, principalmente, em função da própria modalidade da língua e, portanto, das ferramentas linguísticas a que os interlocutores têm acesso no momento de produzir o seu discurso e construir sentidos. Observamos, no caso das retomadas anafóricas, que no português recorremos quase sempre a estruturas linguísticas correspondentes a pronomes substantivos, sintagmas nominais e/ou adverbiais. Na Libras, a construção dos processos referenciais ocorre no espaço com o uso do corpo, apontação, direcionamento de olhar (formas linguísticas), na medida em que marca a posição do *objeto de*

discurso para que seja possível retomá-lo, recategorizá-lo e renomeá-lo durante a progressão referencial textual. Sendo assim, o referente representado por algum sinal – ou sinais – produzido *no espacio-temporal*, sofre o processo de retomada e/ou recategorização quando ele é apontado, olhado ou tem sua produção repetida no sinal específico mostrando sua identificação.

Esperamos que este trabalho possa impulsionar pesquisadores das áreas de estudos em LT e em Libras, pois, há lacunas a serem preenchidas e questões a serem respondidas no que concerne tanto à área de análise e de descrição de usos linguísticos, quanto, e talvez mais importante, à produção de material teórico que parta da perspectiva de uso da própria Libras e não somente de suas traduções e/ou textos escritos por surdos em língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J. M. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.
- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix, 1985.
- CAPISTRANO JÚNIOR, R.; LINS, M. P.; ELIAS, V. M. (Org.). **Linguística textual**: diálogos interdisciplinares. São Paulo: Labrador, 2017.
- CAVALCANTE, M. M *et al.* Coerência e Referenciação. *In*: MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. M. **Linguística textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 91-108.
- CAVALCANTE, M. M; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.
- CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTE, M. M. *et. al.* Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. *In*: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010, p. 225-261.
- CUSTÓDIO FILHO, V. Reflexões sobre a recategorização referencial sem menção anafórica. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 12, n. 3, 2012. DOI: [https://doi.org/10.1590-S1518-76322012000300009](https://doi.org/10.1590/S1518-76322012000300009)

DUARTE, Soraya Bianca Reis *et. al.* Aspectos históricos e socioculturais da população surda. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 20, n. 4, p. 1713-1734, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-597020130005000015>

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HANKS, W. F. **Língua como prática social:** das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. O texto na linguística textual. *In:* BATISTA, R. O. (Org.). **O texto e seus contextos**. São Paulo: Parábola Editora, p. 31-44, 2016.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual:** trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto:** o que é como se faz? São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referência. *In:* CALVACANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referênciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

PIZZUTO, E.; ROSSINI, P.; SALLANDRE, M.; WILKINSON, E. Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). *In:* QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. (Org.). **9º Encontro internacional de pesquisas teóricas sobre línguas de sinais**. Florianópolis: UFSC, 2006. p. 140-158.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

QUADROS, R. M. Estudos de línguas de sinais: uma entrevista com Ronice Müller de Quadros. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira:** estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i16.560>

Recebido em: 22.08.2020

Aprovado em: 01.03.2021